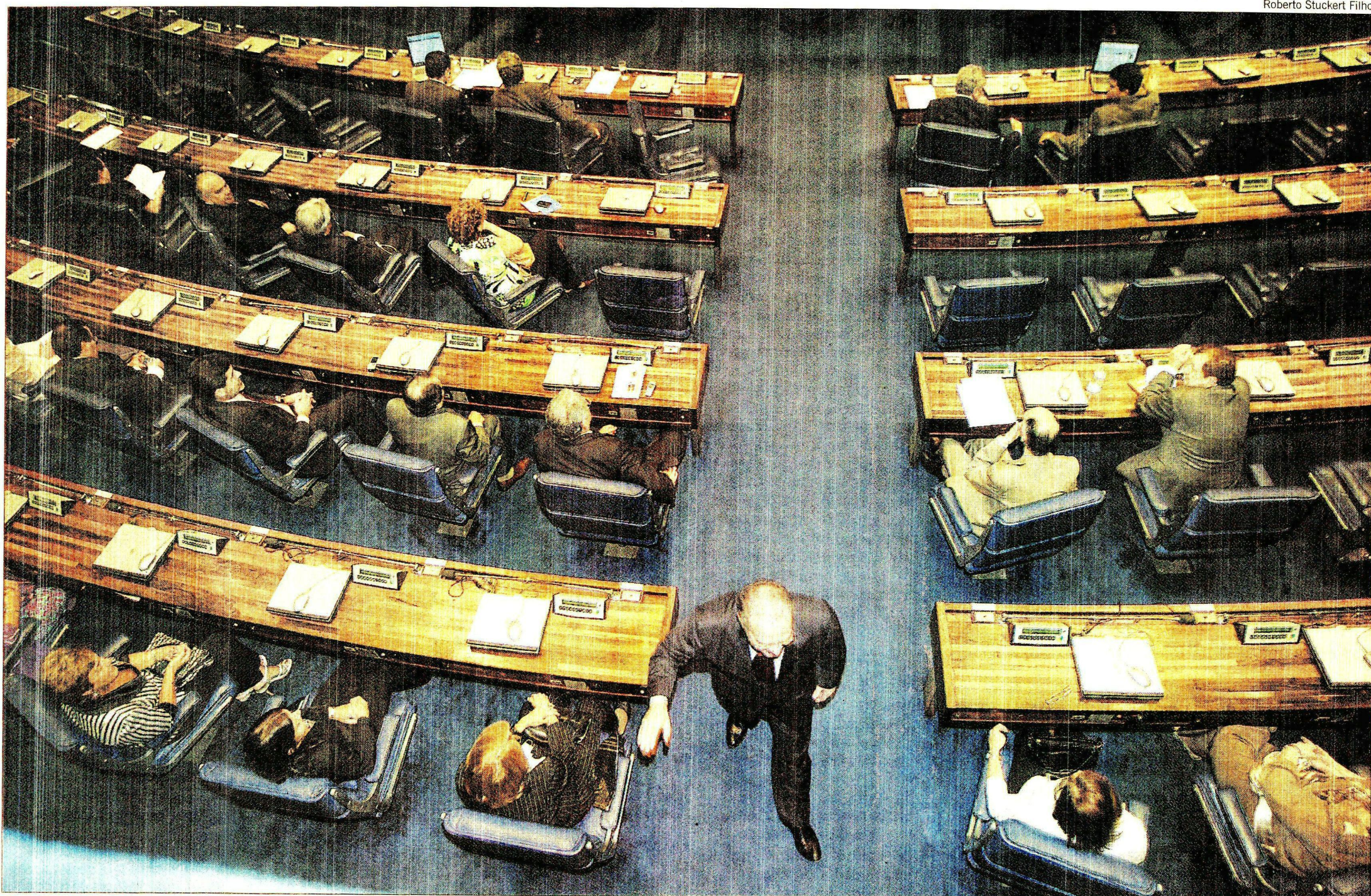


O PAÍS

DIA D NO SENADO



Roberto Stuckert Filho

NA VÉSPERA DO JULGAMENTO, Renan Calheiros atravessa o plenário, lotado pelos senadores que hoje decidirão o destino do presidente da Casa: ele ainda se sentou na cadeira de presidente e comandou sessão

Após 4 meses, o júri secreto

Dividido, Senado vota hoje pedido de cassação de seu presidente, Renan Calheiros

Maria Lima, Gerson Camarotti e
Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

Os principais partidos de oposição, PSDB e DEM, tentaram enquadrar seus 30 senadores para que todos votem hoje pela cassação do mandato do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), na sessão secreta que começará às 11h. Mas a decisão sobre o futuro de Renan não divide os partidos entre governistas e oposição, como gostaria o presidente do Senado. O grupo que apóia o relatório de Renato Casagrande (PSB-ES) e Marisa Serrano (PSDB-MS) admite que não será fácil chegar aos 41 votos necessários para a cassação. Haveria uma chance se os 13 senadores do PSDB e os 17 do DEM seguissem a orientação dos partidos, o que não deve acontecer. Pela contabilidade de partidos, o placar ontem era de 37 votos pela cassação, contra 45 pela absolvição.

PT libera voto; PSDB fecha pela cassação

• A liderança do PT não fechou questão. Liberou a bancada, que está dividida, com seis senadores pró-Renan e seis contra.

— Cumprimos a missão com muita seriedade. Com base em documentos, comprovamos oito quebras de decoro parlamentar. Mas não será fácil cassar Renan — avaliou Casagrande.

O relator admite que a votação em plenário terá muitos componentes que podem influenciar o resultado pró-Renan, inclusive pressões:

— Possibilidade de represálias há. Tem muita gente aqui que já miou, que entrou no processo como Lampião e deve sair como Maria Bonita.

A direção do DEM decidiu recomendar a cassação, mas não fechou questão. Todos os 16 presentes à reunião do partido assumiram o compromisso de votar pela perda de mandato. O único ausente foi Edison Lobão (MA), considerado voto favorável a Renan.

— O partido espera contar com todos. A instituição está em xeque. É uma luta de autopreservação da Casa, de recuperação da imagem do Senado, e não caracteriza uma guerra de oposição contra governo — disse o líder Agripino Maia (DEM-RN).

Pela contabilidade da tropa de cho-

que de Renan, dos 17 senadores democratas, pelo menos seis apareciam como favoráveis à absolvição.

O PSDB fechou questão, recomendando o voto pela cassação, mas abriu uma brecha ao liberar “para votar de acordo com sua consciência” o alagoano João Tenório, que assumiu a vaga do atual governador de Alagoas, Teotônio Vilela, aliado de Renan.

— O PSDB entende que, sem alegria e com dor, está de um lado do jogo a sorte de um senador e do outro o futuro da instituição, que não pode ser desmoralizada. Serão 12 votos, a única exceção aberta foi para o senador João Tenório — anunciou o líder do partido, Arthur Virgílio (AM).

A reunião da bancada do PT não resultou em fechamento de questão ou orientação de voto. A líder Ideli Salvati ironizou a decisão de PSDB e DEM:

— Orientar e fechar questão com voto secreto é jogo de cena — disse.

A percepção dos tucanos ontem era de que a situação de Renan teria se complicado nas últimas horas, reduzindo significativamente as chances de absolvição. Para Virgílio, se o presidente do Senado não for cassado, a crise na instituição prosseguirá:

— Será uma votação apertada. Não consigo imaginar a hipótese de que ele (Renan) fique na presidência. Se isso ocorrer, a sensação que teremos é de que a crise continuará.

Heloísa Helena volta para a acusação

• O julgamento de Renan trará de volta à cena política e à tribuna do Senado a ex-senadora Heloísa Helena. Como presidente do PSOL e uma das signatárias da representação que resultou no pedido de cassação, ela foi escolhida para fazer a defesa no plenário pelo partido. Os defensores da cassação temem que a eloquência de Heloísa Helena e o fato de ela ser adversária de Renan em Alagoas sejam interpretados como uma picuinha local.

— Estou preocupado. Vou falar com ela. Isso pode ser visto como questão de ódio local. Nada foi mais antipático e nojento do que o José Sarney presidindo a sessão de cassação do João Capiberibe, sendo os dois adversários no Amapá — avaliou Virgílio.

— Foi uma decisão partidária. Será uma argumentação técnica — disse a ex-senadora. ■

Como será o julgamento



11 HORAS

O primeiro-vice-presidente do Senado, Tião Viana (PT-AC), abre a sessão com a leitura do regimento para explicar que a reunião que julga cassação de mandato é secreta. Será lida também uma recomendação para que os senadores não usem celular. A previsão é que a sessão poderá durar entre três e quatro horas



PRESENTES

A partir do início da sessão, só ficarão em plenário os 81 senadores, o advogado de defesa de Renan e o advogado de acusação do PSOL, além de três funcionários da secretaria-geral do Senado. Jornalistas e demais assessores devem sair



DISCURSOS

A ex-senadora Heloísa Helena (AL), presidente do PSOL, autor da representação, fará a acusação. Terá cerca de 30 minutos para sustentar a acusação. A defesa será feita pelo próprio Renan



SENADORES

Cada senador poderá falar por até dez minutos, mas a expectativa é que poucos usem a palavra



ÚLTIMA DEFESA

Ao fim da discussão, Renan poderá invocar o artigo 14 do regimento interno, que lhe permite fazer uma última defesa antes de os senadores votarem



VOTAÇÃO

O voto será secreto e computado pelo painel eletrônico. Assim que forem computados os votos dos 81 senadores (Renan vota), Tião Viana tornará a sessão pública e anunciará o resultado



RESULTADO

Serão necessários 41 votos para aprovar o relatório conjunto de Renato Casagrande e Marisa Serrano, pela cassação



FUTURO

Se Renan perder o mandato, Tião Viana terá até a próxima quarta-feira (5 dias úteis) para marcar novas eleições para presidente do Senado. Se Renan for absolvido, poderá continuar no cargo de presidente, pedir uma licença temporária ou renunciar à presidência

Sem computador, sem microfones

Sessão secreta restringirá até o uso de celular pelos senadores

Alan Gripp

• BRASÍLIA. Em uma negociação com participação intensa do presidente Renan Calheiros, o vice-presidente Tião Viana (PT-AC) decidiu que na sessão em que será votado o destino do peemedebista está proibido o uso dos computadores que ficam à disposição dos senadores. Eles foram retirados do plenário. E os microfones serão desligados. O uso de celulares não será vetado, mas, no primeiro minuto da reunião, Viana fará um alerta aos colegas de que seu uso é restrito. O temor é de que informações sejam vazadas e os detalhes da sessão, fotografados ou filmados.

— Vou dizer que transferir qualquer informação da sessão secreta para o exterior é passível de perda de mandato — avisou o petista, que presidirá a sessão.

Tião costurou os detalhes das regras do jogo durante a sessão de ontem, em conversas com a secretária-geral da Mesa, Claudia Lyra, nomeada por Renan. Ontem à noite, foi realizada uma varredura no plenário para tentar descobrir escutas ambientais. Nada foi encontrado. Até o início da sessão, às 11h de hoje, o plenário ficará trancado, vigiado por um batalhão de segurança.

Um e-mail enviado ontem pela Polícia do Senado aos funcionários avisou que as visitas turísticas seriam suspensas, mas Tião desautorizou a medida.

As negociações em torno da sessão secreta deixaram tenso o clima no Senado. No fim da tarde, circulou a informação de que o uso de celulares seria

proibido, o que irritou senadores.

— Não há nenhuma hipótese de isso acontecer! — afirmou Sérgio Guerra (PSDB-PE).

— Nem em conversa com o presidente da República sou proibido de usar celular. Isso está parecendo um conclave no Vaticano — emendou Delcídio Amaral (PT-MT).

Entrou em cena a turma do “deixa disso”. Ficou decidido que o uso dos celulares será apenas restrito, mas não haverá segurança no plenário e os senadores não serão revistados. Eles também não serão impedidos de deixar a reunião e depois retornar, mas serão orientados a permanecer do início ao fim para evitar insinuações. A previsão é de que a reunião dure cerca de cinco horas. Serão servidos água, café e biscoito.

Depois de sucessivas entrevistas, o corregedor do Senado, Romeu Tuma (DEM-SP) disse estar esgotado e confessou ter rezado para que o clima seja ameno: — Espiritualmente está carregado demais (o ambiente). Fiz uma profissão de fé para Nossa Senhora de Nazaré para que ela abençoe esse plenário.

Mas poucos acreditam em clima amistoso. Um grupo de deputados promete fazer pressão para ter acesso ao plenário. Ontem, eles apresentaram requerimento com o pedido, mas Viana negou. Eles decidiram recorrer o Supremo Tribunal Federal (STF). A decisão poderia sair ainda ontem. Aliado de Renan, Almeida Lima (PMDB-SE) duvida que fiquem em sigilo os detalhes da reunião: — Reunião aqui com mais de dois já é comício.